



## O CORPO DE MENINAS EM INSTITUIÇÕES DE ABRIGO: UM ESTUDO PRELIMINAR

Lóry Ribeiro; Josiane Vian Domingues

### RESUMO

*O trabalho a seguir apresenta como objetivo realizar uma breve revisão bibliográfica sobre a temática do corpo feminino institucionalizado em abrigos. Para isso, foram estudados alguns textos acadêmico/ científicos que giram em torno das temáticas de corpo e abrigos institucionais. Corpo aqui está sendo entendido para além de uma visão bio-fisiológica, mas também com significados produzidos a partir dos espaços sócio-histórico-culturais em que circulam. A escolha pelo tema de pesquisa foi produzida desde o momento em que minha família passou a fazer parte do Programa de Apadrinhamento Afetivo, o qual possibilita que crianças e adolescentes abrigados sintam-se parte de um grupo familiar. Com essa aproximação, foi possível perceber o quanto as meninas que residiam no espaço do abrigo apresentavam os seus corpos disciplinadas. A partir disso, esse texto tematiza o corpo institucionalizado como aquele que está a todo instante sendo pedagogizado, a partir de criação de regras que visam o seu disciplinamento, buscando evitar que esse corpo se manifeste livremente, tornando-se assim um corpo dócil.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Abrigos Institucionais; Corpo; Meninas

### ABSTRACT

*The following work presents a brief bibliographic review about the thematic of the female body institutionalized in shelters. For this, we studied some academic / scientific texts that revolve around the body themes and institutional shelters. Body here is being understood beyond a bio-physiological vision, but also with meanings produced from the socio-historical-cultural spaces in which they circulate. The choice for the research theme was produced from the moment my family became part of the Affective Sponsorship Program, which allows sheltered children and adolescents to feel part of a family group. With this*



*approach, it was possible to realize how much the girls who lived in the space of the shelter presented / displayed their disciplined bodies. From this, this text thematizes the institutionalized body as the one that is at all times being pedagogized, from the creation of rules that aim at its discipline, wishing to prevent this body from manifesting freely, thus becoming a docile body.*

**KEY WORDS:** *Institutional Shelters; Body; Girls*

## RESUMEN

*El siguiente trabajo tiene como objetivo hacer una breve revisión de la literatura sobre el tema del cuerpo femenino institucionalizados en centros de acogida. Para ello, se estudiaron algunos textos académicos / científicos que gira en torno a los temas de cuerpo y refugios institucionales. Cuerpo aquí se entiende, así como una vista bio-fisiológica, sino también con los significados producidos a partir de los espacios socio-históricos y culturales que circulan. La elección del tema de investigación se produce a partir del momento en que mi familia se convirtió en parte del Programa de Patrocinio afectivo, lo que permite a los niños y adolescentes abrigados de sentirse parte de un grupo familiar. Con este enfoque, se pudo percibir cómo las niñas que vivían en el espacio de refugio habían disciplinado sus cuerpos. A partir de esto, este texto tematiza el cuerpo institucionalizado como uno que está siendo todo el tiempo pedagogizado de crear reglas para su disciplina, buscando a prevenir este cuerpo para manifestarse libremente, convirtiéndose así en un cuerpo dócil.*

**PALABRAS CLAVE:** *Refugios institucionales; el cuerpo; niñas*

### 1. ADENTRANDO A TEMÁTICA

Este trabalho é parte de um maior que está sendo desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Educação Física Licenciatura, o qual trata de investigar como estão sendo produzidos os corpos de meninas que moram em uma instituição de abrigo na cidade de Rio Grande – RS. Para esse trabalho em específico, apresento como foco fazer uma breve revisão bibliográfica sobre a temática do corpo



feminino institucionalizado. Para isso, me debrucei a estudar alguns textos acadêmico/científicos que giram em torno das temáticas corpo e abrigos institucionais.

A escolha por esse tema de pesquisa para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso foi instigada antes mesmo do ingresso no ensino superior. Em 2010, minha família começou a fazer parte do Programa de Apadrinhamento Afetivo, o qual possibilita que crianças e adolescentes abrigados tenham uma família que lhes acompanhe, alguém para se tornar referência, para que mesmo quando não sejam adotados, sintam-se parte de um grupo familiar.

A partir desse programa, aconteceu uma maior aproximação minha com o Abrigo de Meninas II, que acolhe meninas com faixa etária entre 7 (sete) à 14 (quatorze) anos, na cidade de Pelotas/RS. Com essa aproximação, foi possível perceber o quanto as meninas que residem nesse espaço são disciplinadas. Os seus corpos estão, na maior parte do tempo, sendo produzidos/interpelados e de certa forma manipulados para seguir regras extremamente rígidas, mesmo que, por vezes, acabem fugindo das normas criadas. Essas meninas precisam, a todo o momento, seguir regras, não sendo aceitas, na maior parte das vezes, que elas se expressem da forma como consideram melhor.

Sobre essa ideia, dialogamos com SANTOS (2012, pag. 82):

As Casas Lares<sup>1</sup>, as crianças e adolescentes e a corporeidade desenvolvida por estas merecem uma reflexão, já que estes locais, de certa forma, aprisionam estes corpos que têm de seguir regras diariamente. Regras essas que determinam quando elas têm que dormir, acordar, comer, tomar banho, ou seja, em todos os momentos elas seguem o que lhes é imposto dentro da casa.

A partir desse contato com as meninas abrigadas, foi possível perceber que elas não podem manifestar se livremente, já que há um direcionamento nas suas rotinas, como tomar banho, dormir e alimentar-se, por exemplo. São direcionadas a fazer de um único modo e no horário que os funcionários desses abrigos consideram mais adequados, com isso os corpos vão sendo produzidos e disciplinados, até mesmo nas situações mais simples e cotidianas.

<sup>1</sup> Terminologia que é utilizada para nomear as instituições de acolhimento, na cidade de Pelotas – RS, município no qual a autora realizou a sua pesquisa.



## 2. A PRODUÇÃO DE UM CORPO INSTITUCIONALIZADO: VISITANDO A LITERATURA

Como dito anteriormente, esse trabalho apresenta como objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre a temática dos corpos femininos que vivem em instituições de abrigo. Para tal, em um primeiro momento, procurei delimitar alguns entendimentos sobre corpo.

Corpo não é apenas um aparato biológico, mas algo que foi produzido histórico e socialmente, dotado de uma cultura peculiar, inerente a cada organização, podendo ser de diversas formas, tais como comunitária, familiar, educativa ou até mesmo midiática. Esses estão, a todo o momento, sendo marcados e modificados a partir das suas diferentes vivências e espaços sociais que circulam. Tudo o que está ao seu entorno, o transforma e é transformado por ele. Desse modo, não é possível vê-lo apenas através de uma visão biológica.

Segundo GOELLNER (2003, p. 29):

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Os corpos contam histórias que demarcam as suas identidades, as quais são mutáveis e múltiplas, com variadas possibilidades, sendo condicionadas pela cultura na qual estão inseridos. São educados constantemente em todos os espaços que transitam, dentre estes estão as suas moradias, que neste caso em específico são as instituições de abrigo.



Dependendo dos espaços onde estão colocados, modificam as suas formas de linguagem, demonstrando ou não seus gostos, desgostos, sentimentos, enfim vão sendo modificados dependendo daquilo que está em seu entorno.

LOURO (2007, p. 14) falando sobre as identidades corporais, relata que:

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstâncias. [...] Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente por elas alterados.

Com isso, não há como delimitar um entendimento único sobre identidade. Cada criança e adolescente tem um modo único de vivenciar o mundo, com diferentes gostos, formas de se manifestar, enfim cada um tem um jeito inigualável e demonstram assim, identidades ímpares. As crianças e os adultos são construtores de suas culturas. No mundo todo há diferentes formas de se constituir como sujeitos, não existindo um único modo de ser criança e adolescente. As formas de viver essas fases da vida dependem de diversas variáveis, tais como o meio no qual os sujeitos estão inseridos, as pessoas que estão ao seu entorno, as leis e regras que as circundam.

Sobre isso, Delgado e Muller (2005, p. 164) apontam que:

a identidade cultural ou capacidade de constituírem culturas não totalmente redutíveis às culturas dos adultos. Todavia, as crianças não produzem culturas num vácuo social, assim como não têm completa autonomia no processo de socialização. Isso significa considerar que elas têm uma autonomia que é relativa, ou seja, as respostas e reações, os jogos sociodramáticos, as brincadeiras e as interpretações da realidade são também produtos das interações com adultos e crianças.

A partir dessas ideias, é possível ponderar que cada uma das meninas que reside em instituições apresenta uma identidade própria, a qual é contida e educada, para que assim, dentro destas moradias provisórias, os adultos consigam mantê-las uma convivência mais harmoniosa, a partir do estabelecimento de regras. Em outras palavras, há uma disciplinarização rígida dos corpos que estão ali acolhidos, educando-os a todo instante, para que as regras não sejam descumpridas, fazendo, com isso, corpos mais dóceis.



Há de se considerar que os corpos são produzidos em um processo de socialização, sendo que este acontece em todos os espaços onde os sujeitos estão inseridos. Quando a criança e/ou adolescente é retirado da sua família, a qual já tem uma maneira particular de educar esse corpo, acaba sendo inserido em um abrigo institucional, necessitando de um processo de adaptação para esse espaço, que é desconhecido, com pessoas diferentes, onde existem regras e valores muitas vezes diferentes daquelas inerentes à sua cultura.

Sendo as instituições de abrigo, espaços de convívio social, elas precisam ter como base um mínimo de organização e para isso, instauram-se normas que busquem educar os corpos para que todos os sujeitos que dali fazem parte possam conviver de uma forma que é considerada como correta. Corpos de crianças e adolescentes que, por diversos motivos, passam grande parte de suas vidas dentro destas instituições, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prever, em seu artigo 19 que as instituições de abrigo sejam moradias provisórias e que as crianças e adolescentes devem voltar para as suas famílias ou estabelecer um novo núcleo familiar em até 2 (dois) anos.

Santos (2012, p. 81) aponta que:

As instituições de acolhimento deveriam ser um local provisório de moradia dessas crianças e adolescentes. Sendo obrigação do Estado, promover o processo de retorno para a família de origem, ou quando não houver mais esta possibilidade, o encaminhamento para a adoção. Porém, na maioria dos casos não é isso que acontece, já que muitas crianças são encaminhadas para abrigos ainda bebês e passam suas infâncias e juventudes nestes locais, saindo apenas ao completar 18 anos de idade.

As instituições tornam-se espaços educativos e enquanto tais são disciplinadores e produtores de regras, estando assim a todo o momento pedagogizando os corpos de meninos e meninas através de valores morais e de conduta, definindo, deste modo, o que é considerado certo ou errado, o que pode ou não ser feito. Sendo espaços disciplinadores, muitas vezes conduzem os corpos para que sejam extremamente obedientes, tornando-os submissos.

Sobre essa ideia, Miranda (2006, p.24) percebe que:



São múltiplas as linguagens relacionadas ao corpo: o corpo vive, transmite, fala, espera, brinca, ensina, aprende, troca, enfim, é importante termos a clareza de que essas linguagens só são desenvolvidas se permitirmos que o corpo ganhe espaço [...] O corpo dos menores nas instituições não é valorizado, muitas vezes sendo aprisionado a regras e determinações dos adultos.

As crianças e/ou adolescentes criam laços afetivos com quem trabalha nessas instituições e com quem está na mesma condição de abrigado. Por conseguinte, seguem regras, regulamentos de convivência, assim como a criação de hábitos, brincadeiras, formas de interagir dentro e fora desses espaços. É importante ressaltar que as crianças estão a todo o momento, aprendendo e ensinando e assim mutuamente se modificando, produzindo os seus corpos, evidenciando que estes não são seres vazios que apenas seguem o que os adultos dizem.

Em contrapartida, é possível perceber que os adultos têm um papel de grande importância para a vida destas crianças, já que através das interações é que as aprendizagens estão sendo produzidas. Desse modo, é possível perceber que esses funcionários que trabalham nos abrigos, tanto quanto os abrigados, estão a todo instante modificando a si mesmos e aos outros.

Dirigindo o olhar especificamente para os corpos das meninas que são institucionalizadas, é possível perceber um modelo cultural fixado nelas desde cedo. Já pela forma lúdica, no qual as brincadeiras são voltadas para uma aparência frágil, bela e delicada, educada para as obrigações domésticas. É possível afirmar tal ideia, percebendo que ainda nos dias atuais, os brinquedos vendidos como específicos para as meninas costumam ser bonecas, maquiagens, simulação de casinhas e acessórios femininos, demonstrando que a sociedade, desde cedo, espera aspectos sociais desiguais entre homens e mulheres, diferenciando a educação de meninos e meninas, produzindo as suas identidades de uma única maneira: generificada e com seus papéis bastante definidos.

Para Brito (2016, p. 04):

nesta construção, a tradicional separação de homens e mulheres em espaços próprios e modos de vida diferentes. Tal separação fundava-se entre razão e emoção, o menino que empreende e é criado para dominar e mostrar-ser forte e a menina educada para hábitos domésticos e cuidados com os filhos, afirmando



uma inferioridade feminina e a superioridade masculina caracterizando uma valorização social que privilegia o homem.

Dentro de tudo isso, é possível perceber que as instituições de abrigo, compreendidas como instituições pedagógicas, procuram enfatizar essa produção do corpo, mantendo uma vigilância rígida sobre os corpos das meninas, para que estas não fujam das normas criadas para elas. Instituições que visam ensinar o que consideram “correto” aos olhos da sociedade para ser menina. São maneiras como elas devem pensar, agir, falar, se expressar, evidenciando que só existe um modo certo de ser menina, demonstrando a dominação dos corpos dóceis, valorizando somente uma das formas de se ter um corpo feminino, aquele que segue uma norma social do que é considerada correta.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este levantamento bibliográfico buscou construir minimamente algumas discussões sobre os corpos de meninas que estão residindo em instituições de abrigos. Para tanto, compreende-se o corpo para além da visão bio-fisiológica, mas com significados produzidos sócio e historicamente e que por isso, necessitam de espaços onde sejam valorizados, onde possam se expressar e não apenas seguir aquilo que lhes é determinado.

Podemos perceber os abrigos institucionais para além de um espaço de moradia provisória. Eles são considerados como estabelecimentos pedagógicos, produzidos por disciplinas, os quais visam educar os corpos das meninas – e meninos - que ali residem, de uma maneira que são consideradas como corretas. Com isso, para esses abrigos são criadas algumas normas como ferramentas para uma melhor convivência e como uma forma de manter estas crianças e/ou adolescentes disciplinados, para isso estão a todo instante produzindo e educando os corpos que ali estão inseridos, tornando-os assim corpos dóceis.

### 4. REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Lei n.º. 8.069*, de 13/07/1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).



BRITO, Alessandra Ferreira de. Gênero na escola educação de meninos x educação de meninas. In: *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Jan-março 2016. <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/genero-escola.html>.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. In: *Cadernos de pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 161-179, 2005.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana(Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOPES, Guacira. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Ed. 2, Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

MIRANDA, Rosana Torma. *O corpo nas instituições de abrigo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) Educação Física escolar. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

SANTOS, Cristina Lessa dos. *Corporeidade e meninas: em situação de acolhimento institucional*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.